

CONDIÇÕES
 Assignatura mensal nesta cidade..... \$ 1.20
 PARA FORA
 Trimestre..... 4.50
 Semestre..... 8.00
 Annuo..... 15.00
 Número do dia..... 0.10
 Aluguel..... 0.20
 As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo começar a qualquer dia.
 A correspondência deve ser subscrita ao Director
 CASSIO A. FARINHA
 Pagamento adiantado

BIBLIOTECA NACIONAL
 ASSIGNATURAS PARA O RIO DE JANEIRO
 Trimestre (moeda papel)..... 94000
 Semestre..... 174000
 Annuo..... 324000
 Pagamento adiantado

A PATRIA

ORGÃO DOS INTERESSES DA COLONIA BRASILEIRA NO RIO DA PRATA

SOCIEDADE ANONYMA

REDACTORES: CASSIO A. FARINHA E ALFREDO BASTOS

DIARIO DA MANHA

A PATRIA

Tem correspondentes em Paris—Londres—Lisboa—Nova-York—Rio de Janeiro—Pernambuco—Bahia—São Paulo—Coritiba—Porto Alegre—Rio Grande—Pelotas—Jaguarião—Uruguayana—Alegrete—Salto—Payson—Taquarém—S. Eugênio—S. João Baptista do Quary—Riversa—S. Borja—S. Gabriel—Villa do Rosario—Buenos Aires—Concordia—S. Thomé—Paraná (República Argentina) e Valparaiso.

AGENTES

CAMPANIA E EXTERIOR

PONTOS	NOME DOS AGENTES
Paris.....	Batard Morinow & Co., Roul. Strasbourg, n. 50, Gallien Prince & Co., Rue Lafayette num. 36, Roz & Co. Rua do Alercio num. 20 A.
Nova-York.....	Dumont & Schillito, num. 27 Park Place, Ego. dos Santos Paiva, Lombardi & Co. Rua dos Ourives num. 7, Bellarmio Carneiro, H. e. e. gido Lihars Ottavio A. de Oliveira, Carlos Pinto, Faustino Armando João Segarra, Domínguez Edo. Amaral, A. J. Rocha Gallo, João Petet, Freitas Valle & Jac- queline.
Valparaiso.....	Fortunato dos Santos, Xavier Junior, Domingos Lacerda, J. E. Pacheco de An- drade.
Rio de Janeiro.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares
São Borja.....	Fortunato dos Santos, Xavier Junior, Domingos Lacerda, J. E. Pacheco de An- drade.
Itaquí.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares
Uruguayana.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares
Concordia.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares
Monte Caseros.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares
Salto.....	Aug. de Almeida Tito, José Pedro da Rocha, José dos Santos Pereira, Guimarães & Eche- verry, Antonio Maximo, David C. de Barros, Manuel Riet Parinhas, Fernando Riet, Silvador Jardim, Antonio C. Macdonia, Manoel J. Silveira, Mariano Costa, Miguel Horita, Antonio José de Souza, Laurindo J. da Silva, Raphael Franco, Manoel Pereira Brasil, Pedro Jacintho Pereira, José Machado, José Luiz Vares, D. Gomes de Freitas, Balthazar Romero, Joachim Vilça, Imael Soares da Silva, Francisco Formoso, J. C. Pereira da Luz, Carlos Jaú, Célio R. de Oliveira, Manoel S. Silva, Domínguez Caballa, João Callas, Baldado Lima, Tornerio (Florida), Cineiros, Cordovera, Bernardino Daguerre, Cachada Brava, Marquez & Machado, Imael Vellasquez, Salvador Oliveira, Silveira da C. Pereira, Manoel J. Quatrato, João Pinto, C. Carbonell, M. Montañó Junior, Manuel Llares

Ephemerides

SABADO, 10 DE DEZEMBRO
 1710, Batalha de Orléans, 1792, Morte de
 Championnet, general francez, 1830, Ocupa-
 ção do Uruguai pelo general francez Damrémont.
 (BRASIL)
 1821, Pelo governo portuguez foram abolidos
 os tribunales brasileiros.

A PATRIA

MONTEVIDEO, 10 DE DEZEMBRO DE 1881

Imposto sobre cães

E' bem de ver, que passamos hoje a tratar de um assumpto que muito tem de interessar aos nossos leitores da campanha.
 Este artigo tambem representa uma queixa. Chamamos a attenção das autoridades superiores do paiz—porque é de necessidade, desde já, attender ao mal, antes que elle se arraigue.
 Ninguém ignora—que o imposto decretado sobre cães tinha, a principio, por alvo unicamente colibir a posse de grande numero d'elles, os quaes se bem fazem o serviço de guarda das estancias, tambem causam sérios prejuizos, porque affrontam o gado em meio dos campos, dando-se casos escandalosos de invadir-se as matilhas terrenas de posse alheia, levando em desparatado o que merece o carinho do proprietario, o qual só entende que em campanha os cães são animaes de utilidade, e não animaes de luxo.—Segundo, pois, o historico d'este assumpto, o imposto sobre a raça canina tinha por fim impedir esse mesmo luxo.—Daqui resultou desde logo um escandalo clamoroso, de que principiaram a queixar-se todos os estancieiros trabalhadores e honrados. O abuso era fatal, porque era a consequencia de uma lei elaborada ás pressas, sem os requisitos indispensaveis d'um estudo sadio, prudente e pausado.
 Como os individuos que se davam a extravagancia de ter cães de recreio, eram, mais ou menos, de posição, isto é, ou basti influencias eleitoraes e politicas, ou basti influencias ricas para comprar a consciencia dos cobradores do imposto, succedea que, em pouco tempo, a campanha estava de posse de uma nova praga, a dos cães de certos *filatopos*, que pagam bem e com generosidade a alimntação dos seus caprichos e o escandalo de seus abusos como diz o *Porvenir* do Salto.
 Os animaes pertencentes a esses individuos não andavam com o necessario signal convenconado para comprovar o pagamento do imposto.
 Por consequente, nem pagavam o imposto, porque compravam consciencias, nem soflriam a pena que a mesma lei impunha aos *trince-pernas* que não trouxessem a competente *gratuita* timbrada pelo fiscal ou por quem compete fazer-lo.
 Não todos bem sabemos que os cães de luxo são ferozes como as criangas filhas de certos aristocratas, que se esquecem de educar os filhos para receber visitas e distribuir sorrisos.
 Pois bem, o que então se dava, continuava ainda hoje na campanha oriental.
 Depois, o imposto revertia a beneficio da Instrução Publica, isto é, o que antes era para impedir a criação de cães, passava a constituir positivamente uma renda, applicavel á manutenção de escolas publicas.—E, como era tambem de necessidade que todo esse imposto fosse cobrado com toda a economia, foram os professores das escolas da campanha autorizados a distribuir os recibos (*boletos*) do pagamento d'essa contribuição.

Compreende-se á primeira vista que se não estão os mencionados *filatopos* causavam terror com as suas matilhas mal criadas e até assassinas, ainda depois gosavam das mesmas abusivas regalias, porque muito naturalmente os professores não se queriam indispôr com os magnates que lhes davam os filhos a ensinar.
 São capazes de nos virem dizer que os professores não tinham necessidade de proteger faltas de semelhante classe, porque eram pagos pela renda geral do Estado.
 Sim, sim!—Apellemos para a consciencia e para os factos e concluremos:—Não queremos accusar o professorado, queremos condemnar alguns dos seus membros, o isso, porque demasiadamente sabemos que o espirito humano é propenso á corrupção. O pagamento dos honorarios não impedia que se levassam a amabilidade no ponto de sorrir ao mesmo tempo para os cães da casa dos *baronetes* e para o ordenado—pobre diabo—que sempre chega tarde ás mãos dos servileiros inferiores da Republica.
 E como não queremos *turbar*, repetimos: não offendemos, porque só nos referimos aos culpados.
 A carapuca é para quem serve.
 Ainda não é tudo. Succede que em muitos lugares da campanha não ha escola; por consequente nem professores para ensinar, nem *alma viva* para distribuir os recibos (*boletos*) do imposto; o que, digamol-o, muito á puridade, parece mais logico,—porque, com mil demônios, onde não ha escolas e instrução primaria para ensinar os *meus* e os nossos filhos, é muito de justiça que se não pague o imposto.
 Bom!...isso é o que devia ser, mas não o que é. Esses, que habitam localidades, onde não se sabe o que é um mestre ou uma escola, esses pagam para ensinar-se os seus filhos alheios.
 E' repugnante, indigno, injusto e até tudo quanto queiram. Deyras que sim; mas—senhores—o que fazer? Pedir, reclamar?
 E' bom! Isto mesmo estamos fazendo, porque todo este artigo é uma reclamação palpitante, e nem assim seremos convenientemente ouvidos!
 E o caso é que os nossos compatriotas de campanha, e com elles todos os demais habitantes, já se resignaram e pagam sem tugar nem mugir.
 Muito bem! Agora permitam-nos os senhores que formam o grande grupo da autoridade que fazemos a nossa reclamação.
 Se não ha cobradores do imposto de que fallamos, se não ha quem entregue os competentes recibos, como querem os *recisadores*, os bons parasytas, imprímam-nos pela não apresentação dos *boletos*!
 E' até indigno semelhante capricho! Uma exigencia a d'esses senhores que têm desfaçate e a quem falta o pudor da justiça e do officio que desempenham.
 Já se foi o tempo dos *maria*. O côji o não *choce*, e muito menos dará uma chuva de *boletos*. A Direcção d'Instrução deve zelar muito, para que a imposição de uma ouzadia não chegue a autorizar que se fabriquem *boletos* falsos ou que sejam repellidos a um competente energia as pretensões dos *recisadores*; o que seria preferivel á falsificação dos recibos, o que não recebamos, porque o estancieiro nem tem preparativos para isso, nem tempo, nem alma, nem caracter para commetter actos delinquentes d'esta ordem.
 Mas, senhores, n'este andar, são capazes, os arrecadadores d'este imposto, de fazer o mesmo que os da contribuição directa, que obrigam o estancieiro a ir de quiz, vinte e quarenta leguas receber os *boletos* para mostrar a *Sua Excelencia Recisadores*.
 Desse modo, não restava ao estancieiro tempo para os seus misteres de primeira necessidade.

E' verdadeiramente um abuso contra o qual estamos decididos a pugnar, sem treguas, sem piedade.
 Continuemos.—Ultimamente, dão-se factos que significam verdadeira arbitrariedade. Os *recisadores* vão chegando ás estancias e matando todos os cães que não têm o competente *signal* do rice, autorizado pelos cobradores do imposto. Primeiramente, os animaes não têm a consciencia humana; se os proprios *recisadores* faltam aos seus deveres, é muito justo que os irracionais commettam os seus peccadilhos e tirem do peccado a *gratuita* legal ou a rasguem n'uma luta entre os individuos da especie. O dever do revisador era entender-se com o proprietario.
 Apostamos que a ousadia d'esses senhores vai até o ponto de matar os cães e depois cobrar a multa!—*Proh pudor!*
 Depois, procedendo assim lesam o cofre geral da arrecadação; porque o estancieiro pagaria a multa e o imposto de preferencia a ver assassinado o *innocente*, que não tem culpa, que não conspira, que não falsifica listas, que não quer saber de politica.
 Lésa, dremos; e comnosco pensará a referida Direcção, que desde hoje nos vai prometter attender a esta arbitrariedade.
 Por hoje descansamos aqui. Não faltará occasião de voltarmos ao assumpto. Dependendo das outras informações imprescindiveis.
 Bateriaemos o imposto.

Assumpo do gravidade

A nossa imparcialidade nunca teve occasião para manifestar-se tão em publico e raso como hoje.
 Depois do extenso editorial que preceadimos, abrimos espaço para elogiar o governo d'esta Republica pela energia com que se houve hontem mesmo, sobre um caso que vamos expôr, e que vem muito de proposito para enfrentar a uma censura um elogio.
 E, com effeito, nada mais imparcial do que a nossa opinião.
 Recebemos hontem, ao entrar em nossa redacção, um numero do *Porvenir*, jornal que se publica no Salto, em que vinha competentemente explicada a denuncia de uma violação praticada pelo *recisador* da Contribuição Directa, o Sr. J. Royer, contra o nosso honrado compatriota e estancieiro abastado, o Sr. Valentim Palma.
 Os leitores terão lido os nossos artigos, e por consequente sabem de que especie poderiam ser as exigencias pretenciosas e vandalicas do nomeado *recisador*. Dezenas de vezes nos temos queixado severamente.
 Pois bem, d'esta feita o Sr. J. Royer entendeu exceder-se, a tal ponto que os moradores da estancia do Sr. Valentim Palma estavam decididos a repellar energeticamente as pretensões do *regulo*.
 Sabe-se d'isso, dirigiu-nos nos pessoalmente á casa do Sr. Ministro da Fazenda, e como não o houvessem encontrado e entendendo que era de urgente necessidade attender ao caso, para que não tomasse graves proporções, não trepidamos em ir bater até mesmo á porta do Sr. Ministro da Guerra, a quem pozemos ao conhecimento do assumpto e a quem lemos estes telegrammas e uma carta publicadas pelo *Porvenir*, bem como varias cartas de alguns compatriotas e amigos nossos.
 Os telegrammas são estes:
 «Valentin Palma, Salto—á Valentin Miranda, Estancia Santa Ana.
 «De Fervento, telegrama, carta, poder notado competente. Não permita revolução haendo, use facultaes necesarias. Ley, razón, derecho, nuestra parte. Echarles afuera del campo, no pague un centavo. Palma».

Transcrevo telegrama recaudador.
 Oficial:
 Al Sr. Royer, revisador (Santa Rosa).
 Suspenda vd. todo procedimento violento en los establecimientos, haga responsable.
 (Firmado) Bartolomé Caballero.
 Sr. Do. Valentim Palma, Salto:
 Mandyd 4 de Diciembre de 1881.
 Amigo y Sr:
 En este momento parte de este punto la Comisión Revisadora con destino á esa ciudad, siendo sus miras las siguientes: Llegados allí presentarse al Sr. Gefe Político dando cuenta de la resistencia que encontraron de su parte no permitiendo que practicasen el cobro de los ganados, procediendo por eso contra Vd. y en seguida volver. Por lo tanto, se lo prevengo, para que con tiempo tome Vd. sus medidas.
 Secretario de Almeida Lara.
 Retiramos-nos de casa do Sr. General Santos com a promessa, e ainda assim receiosos de que se cumprisse o rifão: «de promessas está o mundo cheio».
 Qual não foi, pois, a nossa surpresa, quando, tres horas depois, recebemos a copia do seguinte telegrama, que nos foi facultada pelo Ministerio da Fazenda:
 Pelo vapor de hoje o arrecadador de Contribuição Directa, remette os antecedentes do facto occorrido entre o estancieiro Sr. Valentim Palma e o revisador Royer. Este foi suspenso até que V. E. resolva. Por esta vez mais explicito hoje.
 Salto a V. E.
 (Dirigido pelo Chefe Político do Salto, ao Sr. Ministro da Fazenda.)
 Estamos satisfeitos e comnosco a moralização dos subalternos.
 Cabe-nos agradecer e elogiar o procedimento do Governo e do Sr. Bartolomé Caballero, arrecadador da contribuição directa do departamento do Salto.
 Esperamos, pois, que as autoridades correspondam sempre ás justas reclamações, que de mais satisfação é para nós elogiar o que accusar e censurar.
 Por outro lado, esperamos que os nossos compatriotas não nos poupem; que correspondam nos seus desejos com todo o esforço possivel de nossa penna e actividade de nossa redacção.
 Voltaremos ao assumpto.

ACTUALIDADE

Estrada de Ferro para Matto-Grosso (Do Iniciador)

Em seguimento d'estas linhas publicamos alguns apontamentos sobre o melhor traçado para a projectada estrada de ferro entre a provincia de Matto-Grosso e a do Rio de Janeiro. São dados praticamente collidos e que podem ser aproveitados nos estudos dos meios praticos para levar-se a effecto o magno desideratum.
 O mais curto ruino e de mais vantagem ao estado para a futura estrada de ferro de S. Paulo a Matto-Grosso, é o seguinte:
 «S. Bento de Araraquára, ponto pouco distante do ultimo ramal da estrada de ferro de S. Paulo, é d'onde deve partir a dita estrada a Cuyabá. De S. Bento de Araraquára deverá ella seguir marchando o rio—Tietê—abaixo, pelo lado direito, até a extincta colonia do—Avanhandava, que dista 35 leguas do terreno cultivados, com estrada de carro e de abundantes madeiras proprias para construção. Deste ponto deverá seguir ainda Tietê abaixo até a colonia do Itaipura, 23 leguas de distancia e lugar por onde já transitou o correio Postal no tempo da guerra do Paraguay, e cujo

terreno, cortado por pequenos ribeiros, sendo inteiramente plano e pela maior parte coberto de matias virgens, com ricas madeiras de lei e as melhores terras para cultura, tem já 12 leguas de estrada feita por ordem do governo, pelo capitão-tenente Antonio Mariano da Azevedo, quando director da citada colonia, e João Gonçalves Pelto; e estrada essa que com pequeno trabalho é possível trilhar-se.
 Do Itaipura (no Tietê) ao grande Salto—Urubupunga (no Rio Grande ou Paraná), que dista uma legua das matias cultivadas e com estrada feita pelos habitantes da mesma colonia, e por onde deve ir a estrada de ferro a travessar o Paraná, um quarto de legua abaixo do Salto Urubupunga, onde este rio já reunido com o Paranahyba, corre por um estreito marginado de enormes pedras, material que pode facilitar a construção d'uma ponte de arame; é este estreito unico em todo o rio e por isso o mais proprio lugar para a ponte, e importantissimo para uma estação da estrada, como a baixo se demonstra.—Tres leguas abaixo do—Urubupunga—limite do Matto Grosso, desagua o Scuriú no Paraná, e então tendo atravessado este, deverá seguir a estrada pela margem direita d'aquella acima cerca de 15 leguas o alli atravessado o, não só para desviar da grande serra do Sant' Anna, que occupa 30 leguas de extensão e não dá passagem á estrada, como para procurar o rumo do espigão-mestre, que divide as aguas do Scuriú e do Jaurizinho, que corre para o Coxim.
 Do dito espigão-mestre, que—está do fronte da estrada dos Bahús, deverá seguir linha recta—ao Bananal, estrada de Cuyabá e fazenda do cidadão Domingos José da Silva; e d'ahi pela mesma estrada até o rio Taquary, atravessando-o na fazenda do fidalgo Pedro Mauá, d'onde talvez possa seguir linha recta a nova colonia de S. Lourenço, extensão esta que precisa ser explorada, visto termos pouco conhecimento d'ella, assim como dos terrenos entre esta colonia e Cuyabá.
 Do Salto Urubupunga ao dito rio Taquary distará 70 leguas, com todos os desvios que sejam necessários á estrada. Affirmamos isto, não só pelo mappa do Imperio, como por conhecimento adquirido em viagens. Esta distancia é já quasi toda habitada por fazendeiros, agricultores e criadores, alguns d'ell' a bem importantes e muito consideráveis, que se prestam a guiar á commissão exploradora dos terrenos mencionados, os quaes, á excepção do do Jaurizinho, que tem uma pequena elevação, são todos planos desde Avanhandava.
 Passando a demonstrar as razões que nos levaram a affirmar ser da mais—vantagem ao Estado, o que nos parece mais facil a construção da estrada de ferro pelo Itaipura, deixamos de tratar do terreno d'Araraquára ao—Avanhandava, por ser elle provado e muito conhecido, e começaremos affirmando: 1.º, que, do—Avanhandava—ao Salto Urubupunga—é um sertão—pertencente a S. Paulo, quasi todo coberto de matias virgens, abundantissimas de madeiras—para construção e um dos melhores terrenos do Imperio para cultura de qualquer das plantas—do paiz, e que por falta de vias, jaz inutil aos productos de manutenção popular e de interesse para o Estado.
 2.º Que atravessando a estrada do ferro do Paraná, abaixo do Urubupunga, fazendo-se ali uma estação, fica elle ligado á boa navegação pelo mesmo Paraná abaixo, até a foz de Ivinheima e por este acima até o porto de Santa Rosa de Nioca, por cujas aguas já navegou, no tempo da guerra com o Paraguay, o vaporzinho de guerra *Itamandahy*—do grande calado, sem que encontrasse embargo. E sendo o Paraná, da foz do Ivinheima para baixo, um grande rio de capacidade para navegação a vapor até o Salto das 7 quedas, já limite do Para-

FOLHETIM DA PATRIA

OS CASAMENTOS AMALDIÇADOS

J. LERMINA

PRIMEIRA PARTE

A NOIVA VERMELHA

difficuldade... Fôra-me preciso por algum tempo de minha mãe... mas precisaria pagar a essa enfermeira, e para pagar onta o dinheiro... Circulo vicioso que se aperta em torno de mim, que me comprime, que me soffoca... Se eu deixasse ficar a pobrezinha, alguma indigência pô-la-hia ao facto da sua miseria, e semelhante revelação mata-la-hia em todo o caso é impossível! Devo ficar aqui para defendê-la contra o acaso.
 Um sorriso triste assumou-lhe aos labios.
 —Irrei acho-me em bem difficil situação... e a menos que o diabo me venha tirar da difficuldade...
 Nesse momento bateram á porta.
 Pedro fez um gesto de impaciencia—Talvez algum credor! suspirou.
 E sua mãe estava ali, dormia...
 O moço foi a porta e abriu-a, com bem evidente intenção de despedir o importuno.
 De subito, porém, soltou uma exclamação de surpresa, e abriu da par em par a porta, inclinando-se.

A pessoa que ali estava, desconhecida delle, era Carolina de Lustin.
 VIII
 COMEDIA
 Carolina, vestida de luto pesado, parou alguns momentos á porta.
 Estava pallida, mas aquella palidez mesmo mais realce lhe dava á formosura.
 Apezar da severidade do talho, as roupas metavam-lhe o corpo admiravel. Com a mão, cuja aristocratica forma a luz revelava, tinha levantado o peso do véo de crepe e baixara os olhos.
 Pedro conservava-se immovel, contemplando-a.
 —O Sr. Pedro Salarit perguntou a moço.
 —Sou eu, minha senhora... balbuciou o artista, deslumbrado por tamanha belleza.
 Carolina, envolvendo-o em seu meigo e profundo olhar, disse-lhe com brandura:
 —Chamo-me Carolina de Lustin, senhora. Permite-me entrar e a sua casa?
 Pedro estremeceu.
 —Esse nome... disse elle, minha mãe tem-no pronunciado muitas vezes...
 —Acredito, respondeu Carolina, e talvez lhe seja dolorosa a minha presença aqui.
 —A mim... certamente não, juro-lhe.
 —Mas a senhora sua mãe disse Carolina hesitando.
 —Minha mãe está ali... dorme, a pobre

senhora, e ousa mesmo pedir-lhe que lhe fale mais baixo para não despertar... Carolina sorriu-se tristemente.
 —Receia que ella me veja!...
 —Quem a vê?... a senhora ignora então que minha mãe é cega?
 —Cega! exclamou a hypcrita, fingindo ignorancia, como si fugir a generosidade. Ah! senhora, que dôr de despertar em mim! devesa dizer, que remorsos!
 Ohou então em torno de si, e fallando á meia-voz, como consigo mesma:
 —Compreendo, murmuro, quanto teve ter soffrido aquella que já não existe!
 —De quem está fallando, minha senhora?
 —Dir-lho-hei daqui um pouco. Deixe-me serenar o espirito! Se soubesse que emoção me perturba! Tenho receio, sim, tenho realmente receio de que a sua mãe me repella...
 —A senhora! Oh! pôde pensar semelhante cousa!... Sei que entre minha mãe e sua familia existiram dissensões graves... Jimas, porém, palavra de odio ou colera escapou-se-lhes dos labios... Fosse que fossem as maguas e dissabores que lhe inflingiram, desde muito que minha mãe, si não os esqueceu, perdôou-os...
 Carolina aproximou-se vagarosamente da poltrona onde repousava a cega, e contemplou-a com emoção bem visivel para que escapasse ao olhar de Pedro.
 O moço pousou o quebra-ventos.
 —A senhora disse-me que se chamava Lustin... Será ousadia minha perguntar-lhe qual o grão de parentesco que une-a á minha mãe?...
 Carolina baixou os olhos.

—Sou filha de Theresa Lustin, irmã de sua mãe... isto é, sou sua prima... e visto que devo confessar-lhe isto, consente que lhe faça um pedido?
 —Um pedido?... A senhora! Carolina sorriu-se.
 —Dê-me a sua mão, francamente, sem prevenção...
 Pedro apoderou-se da mão que a moço lhe estendia e apertou-a nas suas.
 —De todo o coração, chamo-a minha amiga, minha irmã!
 III
 COMEDIA
 A' expansão com que o artista aperta-lhe a mão, Carolina respondeu:
 —Oh! eu sou apenas sua prima! Mas suas palavras tranquilizaram-me... Precisava ouvir-as para atrever-me a fallar.
 —Pois inspirei eu tanto melo dissemte Pedro sorrindo-se.
 —Talvez... Ouça-me, no entanto, prosequio ella em tom sério, o prego-lhe que não interrompa! Sua mãe tinha duas irmãs; uma, minha mãe, morreu ha muitos annos já, em uma terrivel catástrophe... quando regressava do Brasil com meu pai. O navio que os trazia naufragou, e...
 Carolina interrompeu-se e levou a mão aos olhos.
 —Para que lembrar tão dolorosas reminiscencias?...
 —E' necessario que o diga, pois quero que o senhor saiba tudo. Ficando orphã fui acolhida pela irmã, pela marquesa Luiza Adelaide de Lustin, tambem

viuva. O senhor conhece sem duvida o doloroso papel que ella desempenhou nas peripetias do drama de familia, causadas dos padecimentos de sua mãe... e dos seus tambem.
 —Repto-lhe que minha mãe mostrou-se sempre de rigorosa descrição...
 —E' que sua mãe é boa e generosa! disse a discipula do padre Grapet. Ah! se o senhor soubesse como eu de que trações sua mãe foi victima!
 —Pego-lhe, interrompeu com vehemencia o artista, que não me conte mais cousa alguma... não quizeira odiar ninguém que tenha... o nosso nome, ou antes o seu!
 —Tambem o senhor é generoso... Realmente, quando me aventurei a vir aqui, foi-me necessaria grande coragem... Julgava que na sua opinião seria solidaria do mal que lhe foi feito... e quando lhe dizia que me não repellis... ah! acredite-me, não lhe dirigia um vão pedido...
 Pedro aproximou-se da moço; batia-lhe o coração como se quizesse saltar-lhe do peito.
 —Admittindo mesmo que eu sentisse alguma colera, disse elle brandamente, poderia porventura não esquecer-me... vendo-a!
 Carolina não respondeu logo, como se a emoção lhe suffocasse a voz. Depois es tremeceu subitamente.
 —Quem a senhora exclamou Pedro. Acaso offendi-a?
 —Não, oh! não! não sei, porém, que sentimento opprime-me. Itacio que sua mãe acordel! Tem que ella desminta as suas palavras! Ah! agora principalmente me parece que ellas me seriam mais do-

lorosas ainda. Não me torne a interromper, eu lhe peço!
 E, após breve pausa, prosequio:
 —Minha tia, a Marqueza de Lustin, morreu!
 —Ah! esse luto... Compreendol... Morreu em horribes circumstancias... Assassinal... exclamou Pedro.
 Mas quem foram os assassinos?...
 —Uns malvados desconhecidos ainda, prosequio Carolina com voz admiravelmente tremula; a policia anda-lhes no encalço... Foi uma scena medonha, e não sei como não morri de terror... Mas, estando esta noite a rezar ajoelhada junto ao cadaver de minha bemfeitora, occorreu-me de repente uma idéa. Pareceu-me, olhando para a defuncta, que os seus labios entreabriram-se para lembrarem-me palavras oul'ora pronunciadas... para me darem uma ordem a que me não assistiria o direito de resistir... Eis porque, pondo de parte todas as conveniencias para só me lembrar do meu dever, vim aqui, sem perda de um minuto, ter como o senhor... com sua mãe!
 —Não a comprehendi!
 —Nem pôde comprehender-me... o senhor a quem sua mãe deixou na ignorancia das vergonhosas intrigas ligadas contra ella e contra seu pai, o senhor a quem a já falecida ensinou a amaldiçoar a Marqueza de Lustin... aquella que me atrevo a chorar apenas a jul, em presença desta a quem ella perdeu...
 —Ainda uma vez, por favor, não acabe de dizer Pedro com a garganta comprimida.
 —Desobedeço-lhe, continuava Carolina; devo fazê-lo, porque assim realizei o

